

PERSONALIDADE

A poltrona brasileira onde o mundo se sentou

A 'Sheriff Chair', como a obra-prima ficou conhecida no exterior, completa este ano seu 40º aniversário de lançamento e é criação do desenhista, arquiteto e artesão de casas pré-fabricadas Sérgio Rodrigues

SÉRGIO AUGUSTO
Especial

Na outra encarnação ele foi, sem dúvida alguma, um leão-marinho — ou, então, Pancho Villa. Na próxima, ele só não será o sultão mais bonachão que as aventuras do *Ladrão de Bagdá* já mostraram no cinema se não quiser. Nesta, modestamente, ele conseguiu ser apenas meia dúzia de

desenhista, arquiteto, designer de móveis, dono de loja de móveis (a lendária e inovadora Oca, em Ipanema, e outra em Carmel, na Califórnia), artesão de casas pré-fabricadas, gourmet e restaurateur. Por enquanto. Às vésperas de completar os seus primeiros 70 anos, Sérgio Rodrigues não parece disposto a aposentar o seu ecletismo tão cedo — e muito menos largar a prancheta.

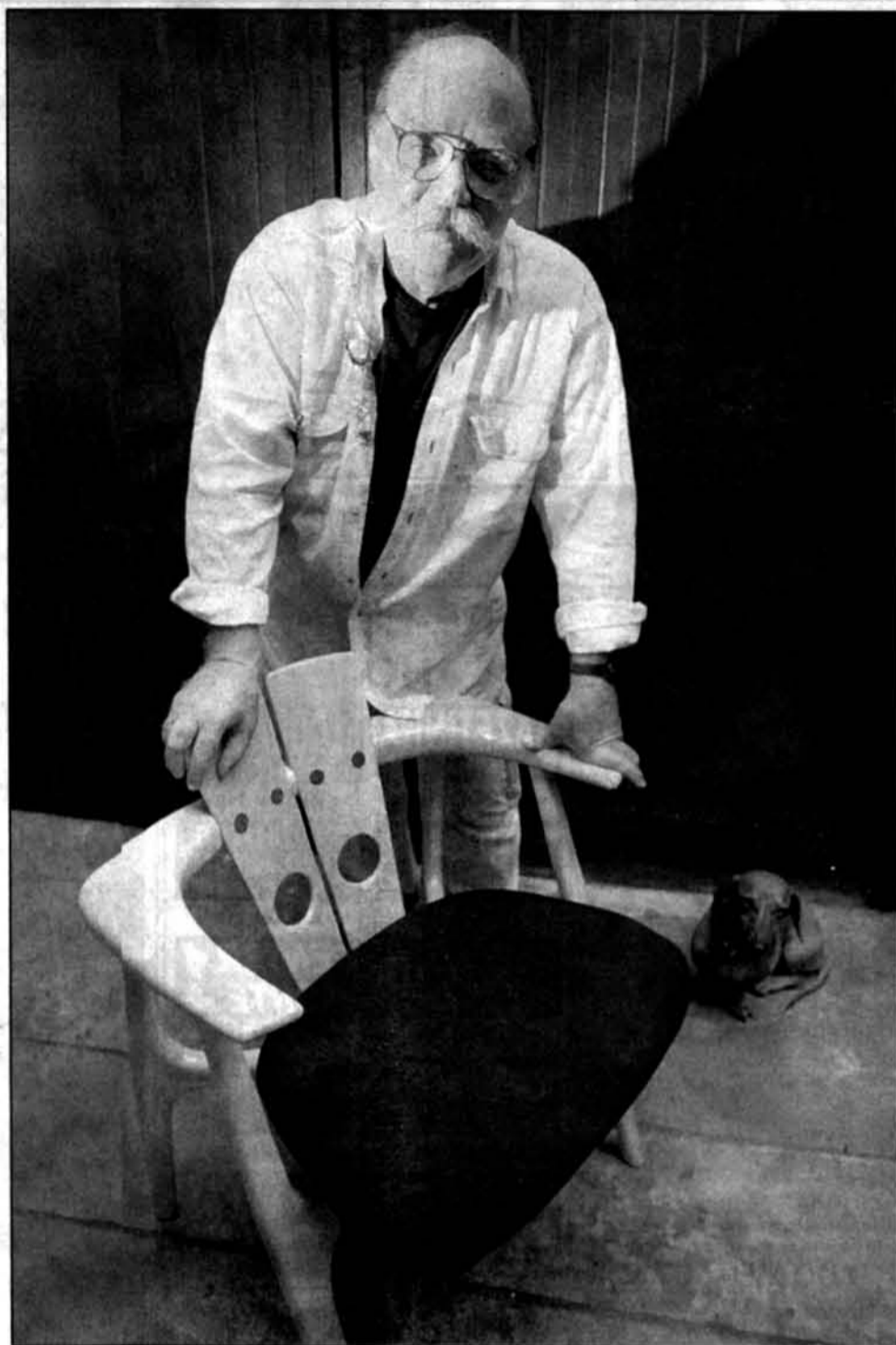
No que faz muito bem, pois os ventos sopram a seu favor e as musas se recusam a deixá-lo em paz. Além de idéias para novos móveis (sua última criação é uma cadeira chamada *Katita*), quase não lhe sobra tempo para atender aos muitos que sonham com uma casa de madeira assinada por ele, de preferência na serra petropolitana, onde ele

próprio se refugia todos os fins de semana para melhor trabalhar nisso e naquilo. O tarefa da vez são as duas exposições que em sua homenagem serão montadas este mês, no Rio e em São Paulo. A carioca, no Rio Design Center, abre na quarta-feira, e ficará em cartaz até 12 de outubro. A de São Paulo, a partir do dia 24, com duração de um mês, tomará conta da loja Sofá & Cia., na Alameda Gabriel Monteiro da Silva, 1.834, nos Jardins.

**DUAS
MOSTRAS, NO
RIO E EM SP,
HOMENAGEIAM
O DESIGNER
QUE VAI FAZER
70 ANOS**

Não bastasse o aniversário redondo, Rodrigues celebra em 1997 mais duas datas fundamentais: os 40 anos de sua mais célebre criação, a *Poltrona Mole*, e os 40 anos do seu primeiro projeto de casa pré-fabricada.

Ah, a *Poltrona Mole*! Quem nunca se sentou numa não sabe o que é...; perdão, na *Poltrona Mole* não se senta, refestela-se, repimpa-se, repoltréia-se. É um regaço de jacarandá, tiras de couro e almofadas, que entrou para a história do mobiliário brasileiro na mesma época, e com a mesma força expressiva, da bossa nova. Como também fez sucesso no exterior, com o nome de *Sheriff Chair*, as comparações com *Garota de Ipanema* e Brasília foram inevitáveis. Um dos emblemas do fastígio ▶



O eclético Sérgio Rodrigues e sua criação, a genuinamente brasileira 'Poltrona Mole': ele não parece disposto a aposentar o seu ecletismo e sua prancheta tão cedo e já terminou mais um trabalho, a cadeira chamada 'Katita'

teve, a princípio, um nome burocrático (*SO-12*, ou seja, *Sofá-12*), foi inaugurada por um cão vira-lata, chamado Duque, e só virou *Mole* por influência de um empregado de Rodrigues, que adorou tanto a involuntária sugestão que acabou batizando de *Moleca* a primeira variação "feminina" da *SO-12*, lançada em 1963.

Tão genuinamente brasileira era a *Poltrona Mole* que a enciclopédia *Delta Larousse* não resistiu à tentação de definir seu autor como "o criador do móvel brasileiro", honraria que Rodrigues, penhorado e desvanecido, recusa. "Outros desenharam móveis no Brasil antes de mim", ressalva, mencionando em primeiro lugar Joaquim Tenreiro ("um expert insuperável em madeira, cujos móveis pé-de-palito marcaram época"), pioneiro de uma dinastia enobrecida por Geraldo de Barros, Zanini e Michel Arnaud, este responsável pela primeira fábrica de móveis do País, embrião da Mobília Contemporânea, e de uma frase memorável: "Sérgio Rodrigues não é o criador do móvel brasileiro; é o criador do móvel Sérgio Rodrigues."

Correções — Ou Rodriguez, como pensavam os ingleses. Sérgio Rodriguez, nacionalidade: mexicano. Foi com tais especificações que ele encontrou a venda numa loja londrina a versão gringa de sua obra-prima, a *Sheriff Chair*. Antes de providenciar as correções necessárias, fez o que o seu coração de manteiga sempre manda fazer: chorou de emoção. Hoje, não chora mais por causa do sucesso de sua poltrona, incensada por especialistas do mundo inteiro (no livro *The Modern Chair*, o arquiteto Richard Meadmore qualifica-a como um dos 30 assentos mais importantes dos últimos cem anos, ao lado de criações de Thonet, Le Corbusier, Mies Van der Rohe e Charles Eames), vencedora de

um concurso internacional em Cantu (Itália), derrotando 437 candidatos de 27 países e presente no acervo do Museu de Arte Moderna de Nova York. Rodrigues só chora quando se lembra das cópias e plágios de sua poltrona espalhados pelo planeta.

"O mais curioso

é que ela foi debochada e rejeitada quando surgiu", relembra o arquiteto. "Teve gente que a achou pavorosa, até a chamou de cama de cachorro, mas depois que o Carlos Lacerda, a Niomar Muniz Sodré (então presidente do Museu de Arte Moderna do Rio), o Roberto Marinho e outros a compraram, ela afinal ganhou status." E a grã-finagem foi atrás. E com maior sofreguidão depois que aqui chegaram as notícias de que até o papa Paulo VI, Kruchev, a rainha Elizabeth, a atriz Kim Novak e outras estrelas do cinema também possuíam pelo menos uma.

Bisneto de jornalistas, filho de pintor e sobrinho de Nélsón Rodrigues, o artífice da *Poltrona Mole* cresceu fazendo os seus barquinhos e aviõezinhos. Quase virou desenhista-projetista da Aeronáutica, mas foi salvo por uma desastrosa prova de matemática, rendendo-se, então, à arquitetura e, em meio ao novo percurso, a uma certeza: uma casa sem o interior adequadamente arranjado não é uma obra arquitetônica, mas uma escultura. E assim nasceu o desenhista de móveis.

Primeira obra: a poltroninha *Jockey*, safra 1956, um mimo de madeira e palhinha, que muito encantou Lúcio Costa. Vi duas delas, recentemente, na casa do Tom Jobim. "Foram os primeiros móveis que eu e o Tom compramos juntos", disse-me Ana Jobim, viúva do compositor, que cuida delas como um precioso momento — de sua vida afetiva e da história do mobiliário brasileiro.

cultural que o Brasil viveu nos anos JK — quando vencemos duas Copas do Mundo e inventamos um samba diferente, a revista *Senhor* e o Cinema Novo —, a *Poltrona Mole* foi a resposta que tínhamos para dar à tirania de Bauhaus. Uma Garrincha de quatro pernas, driblando o racionalismo teutônico.

Utilizando materiais bem nossos e aqui abundantes, ela se impôs por suas virtudes formais e funcionais, oferecendo um novo tipo de conforto, personalizado, ajustado às formas do consumidor. Nasceu para satisfazer um desejo do fotógrafo Otto Stupakoff ("Quero uma poltrona onde possa me sentir um paxá"),

**T
RABALHO
LEVOU O
AUTOR A SER
INCLUÍDO NA
ENCICLOPÉDIA
'DELTA
LAROUSSE'**